

Script e Corporeidade em Análise Transacional

Danielle Tavares

FATEP – Faculdade de Tecnologia Paulo Freire
Unat - Brasil União Nacional de Analistas Transacionais

Script e Corporeidade em Análise Transacional

Resumo

O presente artigo fará uma breve abordagem histórico-filosófica sobre o corpo, a mente e a sua inextricável relação. A partir daí, apresentamos a relação terapia-corpo e faremos uma reflexão apontando pontos de convergência entre a noção da liberdade da corporeidade e o conceito de script de vida na Análise Transacional. Esse artigo envolve uma reflexão inicial e não aborda a complexidade de alguns aspectos da corporeidade e a riqueza de sua abordagem sistêmica.

Danielle Tavares

FATEP – Faculdade de Tecnologia Paulo Freire
UNAT - BRASIL União Nacional de Analistas Transacionais

Abstract

This article will make a brief philosophical and historical retrospect about the body, the mind and their unbreakable relationship. From this point, we will discuss the relation therapy-body and will undergo a reflection about body-mind unit and convergent aspects in relation to the concepts of life scripts in Transactional Analysis. This article is an initial reflection and in no way covers the wideness and richness of this theme; further research and systematic studies are made necessary.

Palavras-chave: corporeidade, terapia, cliente, análise transacional, decisões precoces, script

Rio de Janeiro – RJ

Julho / 2010

Publicação CEP 05/2010 – Membro Unat - Brasil União Nacional de Analistas Transacionais - 147 - 0011

Script e Corporeidade em Análise Transacional

Danielle Tavares¹

FATEP – Faculdade de Tecnologia Paulo Freire
Unat - Brasil União Nacional de Analistas Transacionais

Resumo

O presente artigo fará uma breve abordagem histórico-filosófica sobre o corpo, a mente e a sua indissolúvel relação. A partir daí, trataremos a relação terapia-corpo e faremos uma reflexão apontando pontos de convergência entre a noção apresentada de corporeidade e o conceito de script de vida da Análise Transacional. Esse artigo envolve uma reflexão inicial e não aborda, de forma alguma, a abrangência e riqueza do tema, que necessita de mais pesquisa e aprofundamento sistemático.

Abstract

This article will make a brief philosophical and historical retrospect about the body, the mind and their unbreakable relationship. From this point, we will discuss the relation therapy-body and will undergo a reflection about body-mind unit and convergent aspects in relation to the concepts of life scripts in Transactional Analysis. This article is an initial reflection and in no way covers the wideness and richness of this theme; further research and systematic studies are made necessary.

Palavras-chave: corporeidade, terapeuta, cliente, análise transacional, decisões precoces, script.

¹ Psicóloga CRP 05/22873 – Membro Didata Clínico em Formação Unat- Brasil; Diretora do Instituto Alberto Tavares – IAT-Brasil

Corporeidade, à luz da filosofia

A dualidade entre corpo e intelecto vem sendo discutida pela filosofia, desde seus primórdios. Platão, em sua *Alegoria da Caverna*, representa esta dualidade através da busca que o homem deve empreender para adquirir o Conhecimento, que é sinônimo do Bem, posto que é através dele que o homem se liberta das amarras da ignorância. Neste texto, encontramos exatamente o significado dessa dialética no processo de saída do homem da caverna enquanto representação da elevação da alma, quando da aquisição do Conhecimento proporcionado pela luz do Sol. O Sol está para a Liberdade, bem como o Conhecimento está para o Bem. Durante séculos, acreditou-se que a alma era soberana e transcendente e o corpo a sua prisão – através dele a alma expia os pecados e assim se purifica².

Ao longo da história da filosofia, a consciência é tratada como uma “função puramente intelectual”, que se opõe ao corpo. Através dessa consciência – metafísica – o homem torna-se capaz de alcançar o “verdadeiro conhecimento” e apreende através da razão a essência das coisas, desligando-se, assim, do mundo material. Na filosofia antiga, a consciência como intelecto era o que definia o ser humano, visto como um ser dotado de corpo (os sentidos – o que conduzia ao erro) e mente (alma/razão pura). A Idade Média, mantém a idéia de uma consciência metafísica, mas acrescenta nessa o caráter religioso, cuja pretensão é alcançar à “realidade íntima das coisas”; por outras palavras, a natureza divina, já que essa representa “o princípio da verdade e a quem a razão deve submeter-se”. Aqui, as coisas existem independentes do sujeito, e contém em si uma essência que se realiza na sua existência. Podemos notar ainda o papel de destaque atribuído a consciência no tocante à aquisição do conhecimento.

Surge o cogito na Modernidade e uma nova perspectiva aparece para o pensamento dualista, metafísico. O ser humano conhece a realidade por meio do

² Cf.: PLATÃO. *A República*. In Livro VII. Fundação Calouste Gulbenkian. 8ª Ed.

pensamento ou atividade da consciência, porque ele existe: "Penso, logo existo"³. O mundo fenomenal é aquele que é produzido de acordo com a percepção que temos dele. É aqui, no século XVII, que a ciência se separa da filosofia e toma seu próprio caminho.

"Eu sou, eu existo, isto é certo, mas por quanto tempo? A saber, por todo o tempo que eu penso, pois poderia ocorrer que, se eu deixasse de pensar, eu deixaria de ser ou de existir"⁴.

Qual é a diferença de Descartes para os filósofos anteriores? Segundo Descartes, o conhecimento se dá no homem, "sujeito pensante", e não fora dele, como em Deus ou na natureza, por exemplo. Sendo assim, o acesso a verdade se dá em nós e por nós. A visão dualista de Descartes está caracterizada pelo mecanicismo. Segundo Gaarder (1995), "a *res cogitans* (substância pensante) é realmente a principal substância que define o homem, ela é consciência pura". Mas, existe ainda a *res extensa* (substância corpórea), que ocupa lugar no espaço e não é provida de consciência, daí a concepção cartesiana "corpo-máquina" que diz que "o funcionamento do corpo está sujeito às leis do universo, seguindo, portanto, os princípios da Mecânica". O movimento do corpo acontece independente da alma; não existe uma intencionalidade na ação humana.

Em *O erro de Descartes*, Damásio observa que a concepção cartesiana considera uma interação entre as realidades física e espiritual, que se estabelece por meio da glândula pineal, presente no cérebro. O predomínio da razão sobre o sensível caracteriza o aspecto dualista do seu sistema filosófico.

O surgimento da Fenomenologia, na contemporaneidade, instaura a relação sujeito-objeto no processo de conhecimento; ou seja, ao descrever os fenômenos como eles são experienciados pela consciência, o ser humano afirma um conhecimento que se dá a partir da própria experiência dele com o mundo. "Todo o saber científico deriva do mundo-vivido, ou seja, dos pensamentos, percepções e vivências que eu tenho no meio natural". "É, pois, na intersubjetividade, ou seja,

³ René Descartes.

⁴ Descartes apud Vergez & Huisman, 1988, p. 151

na interseção das experiências entre os indivíduos, que o mundo fenomenológico encontra sentido" ⁵. A partir daqui, podemos dizer com Merleau-Ponty, que todo o conhecimento que temos do mundo se dá pelas experiências vividas no nosso corpo. Para ele, "a realidade do cogito e a realidade corporal compõem uma unidade". O corpo vivo revela que "não podemos decompor e recompor para formar uma idéia de corpo", sendo assim, o corpo não pode ser visto como objeto e a consciência que temos dele não é um pensamento, mas o próprio corpo em ato, relacional. A corporeidade é, por assim dizer, o modo como meu corpo se encontra no mundo, expresso pelo meu esquema corporal, que se constitui pelos atravessamentos que vivo; esses brotam das articulações relacionais do corpo vivo, germinado pelas experiências naturais, espontâneas à sua percepção.

Em Merleau-Ponty, a enunciação da corporeidade se refere principalmente a brotamentos e a germinações, na articulação do corpo próprio enquanto estrato originário dos corpos científicos e cotidianos... Por sua vez, é somente Merleau-Ponty que propõe uma articulação entre enredamento e corpo germinado através da qual percepção e subjetivação podem se remeter mutuamente ⁶.

A percepção que o ser humano tem da vida se dá nas relações entre ele e o mundo, a partir das suas vivências no tempo e no espaço. A corporeidade funda-se, portanto, no corpo vivo, dotado de intencionalidade. É a partir da intencionalidade que se constitui em mim e por mim, expressa pela minha corporeidade, que se torna possível compreender àquilo que experimento.

A filosofia contemporânea inaugura uma nova estrutura: corpo e mente como uma e só coisa, a saber:

⁵ Merleau-Ponty, M. (1994). Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes

⁶ <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-09062006-162253/>

"A mente é fruto do cérebro contrapondo o dualismo cartesiano no qual a alma (razão pura) é independente do corpo e das emoções, e não ocupa lugar no espaço"⁷.

Porém, parte dos pensadores contemporâneos continua na perspectiva dual, quando do modo dialético de pensar, que privilegia a dimensão histórica da existência humana e atribui uma dinâmica maior à consciência. Ainda que a ênfase ao conhecimento sensível seja maior, alguns filósofos ainda o consideram inferior ao conhecimento racional. Percebe-se aqui que, ao valorizar um conhecimento em detrimento do outro, fica estabelecida a hierarquia da atividade mental em detrimento da atividade do corpo; nós seguiremos o outro percurso, a que trataremos, junto com Varela e Maturana, como "mente corpórea".

⁷ GIUGLIANO, L. G. ; TOMAZ, Carlos (1997) . *A razão das emoções: um ensaio sobre O erro de Descartes*. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 2, n. 2, p. 409

Script de vida, à luz da Análise Transacional

A pessoa que fica livre de seu script verá o mundo de uma nova forma
(Berne, E.)

Varela e Maturana procuram ampliar o campo de investigação da chamada “mente corpórea”. Esta perspectiva, inspirada na fenomenologia de Merleau-Ponty, reconhece que a cultura científica ocidental precisa tomar os nossos corpos simultaneamente como estruturas físicas e como estruturas experienciais vividas, como processos biológicos e fenomenológicos simultaneamente. O eixo fundamental que articula essas duas estruturas é a corporeidade. Temos aqui um corpo como uma estrutura experiencial vivida e também como o contexto ou o meio de mecanismos cognitivos. A cognição se faz através da vivência.

É, pois, com o corpo que apreendo as coisas ao meu redor, de acordo com as situações que vivencio. Minha presença no mundo é, portanto, uma presença corporal. Estamos, contudo, nos referindo aqui não à noção cartesiana de corpo, o corpo-máquina, mas ao corpo-vivo ou corpo-próprio, dotado de intenção e onde residem nossas ações originais. A experiência do corpo-próprio revela-nos um modo de existência ambíguo. Não podemos decompor e recompor para formar dele uma idéia. Por isso, ele não é um objeto, e a consciência que tenho dele não é um pensamento.

É, pois, pela linguagem sensível que o corpo-próprio expressa a unidade do homem.⁸

Desse lugar, cabe então refletir sobre como tratamos o corpo em terapia. Apontamos para um maior envolvimento do terapeuta e a necessidade de que ele próprio se reconheça⁹ com seu corpo nos sinais e nas vivências que ocorrem

⁸ http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1997000200012&script=sci_abstract&tlng=pt

⁹ Grifo nosso. Salientamos para o sentido da necessidade do terapeuta em conhecer-se, sempre e novamente – daí o sufixo “re”.

como fonte fidedigna de informação. A presença corporificada é a presença fidedigna do corpo vivo – um lugar de intimidade e confiança nos sinais que transcendem a razão – a partir do qual surge o conhecimento. Essa presença plena torna possível a relação de igualdade entre terapeuta e cliente, onde o terapeuta precisa abandonar o espaço de suposto saber e se colocar num lugar de maior risco e exposição. Nesse sentido, entendemos por *mente-corpórea* as relações de força que se estabelecem ao longo de nossas vidas. Tais relações estão direta e intimamente ligadas aos scripts de vida que cada ser humano carrega consigo, desde o momento de sua concepção. A partir daqui, trataremos a corporeidade como a forma em que nossa *mente-corpórea* nos traduz ao mundo que vivemos, ou seja, a partir de nosso script de vida, construído a partir dos relacionamentos que vivenciamos.

Berne visualizou o funcionamento humano a partir de seu aspecto relacional¹⁰ enfatizando o fato que desde o nascimento a criança é equipada para se relacionar com o meio. O script é um plano não consciente de vida, construído a partir das expectativas não conscientes dos pais, desenvolvido na primeira infância e que vai direcionar o comportamento do indivíduo em seus aspectos mais importantes¹¹. Para Berne o script surge através de adaptações, de reações e experiências infantis, baseado primordialmente no relacionamento pais-criança e nas mensagens passadas pelos pais¹². As mensagens mais importantes aqui são as mensagens não verbais passadas não conscientemente através do comportamento parental. A criança se adapta ao que se ‘espera’ dela para que possa ser aceita dentro de seu ambiente familiar. O script se estabelece, então, como séries de predisposições perceptivas e emocionais e de automatizações de respostas ao meio e ao outro que irão direcionar o comportamento do indivíduo desse momento em diante de forma previsível.

O script se estrutura sobre as decisões precoces feitas pelo infante. Como explica Erskine, “central para a teoria do script é o conceito de decisão precoce.

¹⁰ Erskine, R. (1988) Integrative Psychotherapy in action. California: Sage.

¹¹ Berne, E. (1972) *What do you say after you say hello? The psychology of human destiny*. New York: Doubleday Press.

¹² Berne, E. (1969) *Principles of group treatment*. New York: Oxford University Press.

As decisões precoces são decisões feitas pela criança antes de ter palavras para conceitualizar o que está sendo decidido/experimentado/compreendido”¹³. As decisões são convicções sobre si, o outro e o mundo que são criadas a partir das experiências centrais da primeira infância: a amamentação, o treinamento higiênico, o contato com a mãe e a maneira como o bebê se sente recebido no mundo. A criança responde a três perguntas: Quem sou eu? Quem são as pessoas? E como é o mundo? Responde em forma de sensações e pré-disposições perceptivas que ficam gravadas. O corpo é o ‘veículo’ através do qual essas experiências são vividas. As decisões ocorrem em/através do corpo, através de tônus, posturas, tensões, sensações físicas que são gravadas/fixadas e que posteriormente vão direcionar a pessoa para uma determinada forma de sentir/perceber e estar no mundo. A partir desse conhecimento inicial, “a pessoa achará e interpretará novas situações no sentido de reforçar suas decisões provando que a velha maneira de pensar e sentir e ser é, na verdade, a única opção”, sugere Erskine¹⁴.

A relação na formação do script é fundamental e com ela a experiência corporal e as maneiras diferentes de se sentir e sentir seu corpo¹⁵.

Neste processo, aspectos da relação mãe-bebê são essenciais: fatores afetivos, sensório-motores, assim como o contato pele-com-pele com a mãe são fundamentais nesses primeiros momentos de vida. O contato e as trocas entre o corpo do infante e o corpo do cuidador constituem a experiência relacional primária. A abertura para o contato, sua qualidade, padrões, intensidade, a consistência, e a variabilidade do contato são os pilares da experiência relacional, o solo onde cresce o rico universo de estimulação vital para o crescimento humano¹⁶.

¹³ Erskine, R. (1991) Transferências e Transações: Críticas de uma perspectiva intrapsíquica e integrativa in *Transactional Analysis Journal*, v. 21

¹⁴ Ibidem

¹⁵ Ligabue, S (2007) Being in Relationship: different languages to understand ego states, script and the body in *Transactional Analysis Journal*, vol. 37, p. 294- 306.

¹⁶ Ibidem, p. 300.

O bebê já nasce com a disposição para reciprocidade e interação e expressa padrões de conexão e diferenciação: se comunica, olha, franze a testa e também olha para o lado para interromper o contato, sabe como manter e interromper o contato como uma função auto-reguladora¹⁷. “A interação aumenta padrões motores e afetivos básicos, numa alquimia de habilidades musculares, posturais, motoras, cognitivas e afetivas”¹⁸. A postura, a expressão, o tônus dos cuidadores influencia diretamente na resposta do bebê ao mundo. Ele pode desistir se não encontra reciprocidade em suas tentativas de contato e comunicação e se retirar, muitas vezes, em um comportamento apático. Ele se retira quando os cuidadores são não responsivos e se mantém em contato, rosado, risonho, ativo quando se sente acolhido.

Esses padrões de conexão e diferenciação apesar de ativos ao nascer são moldados pelos pais de forma inconsciente e irão dar forma aos esquemas relacionais e redes neurais que serão estabelecidas¹⁹. Riva-Crugola²⁰ se refere ao cuidador como o regulador psicobiológico do desenvolvimento do sistema nervoso do bebê e suas experiências emocionais.

“A história de vinculação individual com seus pais afeta, marca a forma e o funcionamento da unidade corpo-mente como um todo”²¹. A partir dessas primeiras relações, todas as outras relações que se seguem no curso de sua história com seus parceiros relacionais influenciarão na unidade corpo-mente: poderão nutrir o bom funcionamento e a saúde do indivíduo ou estabelecer padrões disfuncionais e patologias.²²

Nós podemos, então, ver o script como um traço relacional ou marcador criado por esse processo enquanto o processo está se desenvolvendo. Esse traço

¹⁷ Ibidem

¹⁸ Ibidem

¹⁹ Downing, G. Il corpo e la parola (The body na the Word) in Ligabue, S (2007) Being in Relationship: different languages to understand ego states, script and the body in Transactional Analysis Journal, vol. 37, p. 294- 306.

²⁰ Riva-Crugola, C. Regulation and affective communication in early child-parent relationships, Psicologia Clinica Dell Sviluppo, 4 (3), 359-395 in Ligabue, S (2007) Being in Relationship: different languages to understand ego states, script and the body in Transactional Analysis Journal, vol. 37, p. 294- 306.

²¹ Ibidem

²² Ibidem

distingue o indivíduo e é um sinal específico de sua história, implicando em marcas cognitivas, afetivas e corporais²³.

O conceito de decisão precoce e script de vida expressa de forma viva e dinâmica as concepções de Ponty, Varela e Maturana. As decisões precoces são uma forma de conhecer o mundo - a pessoa conhece interagindo no mundo, se sentindo no mundo através das relações estabelecidas entre seu corpo e os corpos dos pais ou substitutos. Um conhecimento que serve para garantir seu bem estar e adaptação em seu ambiente e que também servirá como base para suas futuras percepções e comportamento. Esta é a cognição proposta por Maturana e Varela - de um conhecimento que se faz na ação, na interação com/em o mundo através de uma mente corpórea.

Todo o saber deriva do mundo-vivido, ou seja, dos pensamentos, percepções e vivências que a pessoa tem em seu meio. "É, pois, na intersubjetividade, ou seja, na interseção das experiências entre os indivíduos, que o mundo fenomenológico encontra sentido"²⁴. Podemos dizer com Merleau-Ponty, que todo o conhecimento que temos do mundo se dá pelas experiências vividas no nosso corpo. A corporeidade funda-se, portanto, no *corpo vivo*, dotado de intencionalidade. É a partir da intencionalidade que se constitui em mim e por mim, expressa pela minha corporeidade, que se torna possível compreender àquilo que experimento.

Na interação com o mundo o corpo é o meio e o depósito das relações, a história individual é encarnada no corpo, deixa suas marcas²⁵. Como muito bem coloca James Allen, nossas experiências de nutrição se tornam natureza²⁶, pois o relacionamento mãe-bebê, o tipo de atenção reservada às necessidades da criança, o tom com que ela é recebida, o contato, o olhar vão estabelecendo marcas - organizando caminhos neurais, modificações no corpo do bebê - tensões e posturas. As marcas que se incorporam: aí estão as decisões precoces

²³ Ibidem

²⁴ Merleau-Ponty, M. (1994). Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes

²⁵ Ligabue, S (2007) Being in Relationship: different languages to understand ego states, script and the body in Transactional Analysis Journal, vol. 37, p. 294- 306.

²⁶ Allen, J. (2000) Biology and Transactional Analysis II: A status report of development in Transactional Analysis Journal, v. 30, p. 260-269.

e o script. Cassius²⁷ pensou no termo script corporal que expressa claramente essa idéia da instauração do script na unidade corpo-mente.

O neurocientista Liotti²⁸ ainda sugere que “cérebro e memória vão pelo corpo, estão no corpo. O self e a consciência são inseparáveis do corpo e de nossa percepção, cognição, e emoção em/com um corpo”. Temos que pensar então, nas organizações e adaptações do corpo. Corpo, como sugere Ligabue²⁹, nesse sentido é o corpo em alemão – Leib- um corpo vivo, com afetos e emoções e seu lugar na história individual.

O crescimento afetivo e cognitivo de cada indivíduo é originado, organizado e reorganizado através de processos corpo-mente. A qualidade do tônus, do movimento, cognição e afetos é construída em/através uma relação intersubjetiva, que está respondendo a necessidades primárias motivacionais. É nesse processo que a unidade script-mente-corpo se origina³⁰.

É importante ressaltar que falar de corporeidade não quer dizer que o corpo seja primordial e a mente ocupe um segundo lugar. Ao falar de corpo, falamos de mente e corpo num processo uno: a mente está no corpo. “Eu sou todo corpo e nada além disso; e alma é somente uma palavra para alguma coisa no corpo”³¹.

A noção de script de Berne se assenta sobre essa visão integrada de corporeidade. O script só pode ser estudado, diagnosticado e transformado a partir dessa perspectiva, onde corpo e mente formam uma unidade integrada.

Mensagens, atribuições, permissões e injunções vêm através de gestos, movimentos, sensações; eles dirigem e constroem as decisões de script da

²⁷ Cassius, J. in Ligabue, S (2007) Being in Relationship: different languages to understand ego states, script and the body in Transactional Analysis Journal, vol. 37, p. 294- 306.

²⁸ Liotti, G. in Ligabue, S (2007) Being in Relationship: different languages to understand ego states, script and the body in Transactional Analysis Journal, vol. 37, p. 294- 306.

²⁹ Ligabue, S (2007) Being in Relationship: different languages to understand ego states, script and the body in Transactional Analysis Journal, vol. 37, p. 294- 306.

³⁰ Ibidem

³¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm (2000). *Assim falou Zaratustra*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 60

criança de forma única e criativa. Essas decisões são repetidas e testadas repetidamente durante a vida.³²

O script se forma através da corporeidade e pode ser transformado através dela – através da relação terapêutica, pois o processo de aprendizagem e desenvolvimento se funda no/através do corpo. Para Ligabue³³, “essa consideração de ser-ter um corpo é significativa no encontro terapêutico” e nos aponta para a necessidade do terapeuta estar atento aos seus próprios sinais mente-corpo na relação com o cliente.

Daí surge a importância do terapeuta estar atento aos sinais do cliente, de ouvir seus ritmos e facilitar o contato, proposta estrutural da psicoterapia integrativa de Erskine³⁴. Através de uma escuta atenta, o terapeuta, em contato consigo e com o cliente, facilita um caminho de reconexão - a escuta dos ritmos, das necessidades, das emoções do cliente - reestabelecendo um vínculo que remoldará seu ser/estar no mundo.

A relação terapêutica é um tema extenso e merece um maior aprofundamento. Nesse instante, optei por fazer somente essas breves observações onde enfatizo a relação inseparável entre script, terapia e corporeidade.

Experimentar a relação terapêutica promove uma reconexão dos circuitos emocionais com experiências vitais e ajuda ao indivíduo a reconsiderar suas experiências passadas na luz dessas novas experiências. “O corpo, então se torna um recurso, um espaço para atuar e reatuar, viver e reviver a experiência relacional”³⁵ e para conhecer a si, ao outro e ao mundo.

³² Ligabue, S (2007) Being in Relationship: different languages to understand ego states, script and the body in Transactional Analysis Journal, vol. 37, p. 294- 306.

³³ Ligabue, S (2007) Being in Relationship: different languages to understand ego states, script and the body in Transactional Analysis Journal, vol. 37, p. 294- 306.

³⁴ Erskine, R. (1988) *Integrative Psychotherapy in action*. California: Sage

³⁵ Ibidem

Conclusão

Percebemos que o conceito de Script, conceito central para Análise Transacional, se funda na noção de corporeidade apresentada no presente artigo. O script é uma forma de conhecer o mundo na concepção mais concreta de cognição proposta por Maturana e Varela. Uma forma de conhecer em/através de um *corpo vivo*, que se modifica a partir de suas vivências com o outro e no mundo. O script se estabelece numa mente corpórea e é com/através desse corpo – que se forma com a história do indivíduo - que, inexoravelmente, o processo terapêutico precisa acontecer.

Não pretendemos com a presente discussão fazer uma análise exaustiva e definitiva do tema. Temos aqui uma discussão inicial da corporeidade e script, tema importante, que merece ser discutido e acrescido de novas contribuições.

(1981). *Transactional Analysis in Psychotherapy: A systematic individual and social psychology*. New York: Bantam Press.

CORNELL, W. (2007) *Why Body Psychotherapy: A Conversation in Transactional Analysis Journal*, v. 37, p.258-262

DELEUZE, Gilles (1976). *Nietzsche e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio

ERSKINE, R. (1996) *Integrating Psychotherapy in action*. California: Sage

GAARDER, Jostein (1995). *O Mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. Tradução: João Azenha Junior. São Paulo: Companhia das Letras.

GIUGLIANO, L. G. ; TOMAZ, Carlos (1997). *A razão das emoções: um ensaio sobre O erro de Descartes*. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 2, n. 2

HINE, J. (1997). *Mind structure and ego states in Transactional Analysis Journal*, v. 27, p.278-289

LIGABUE, S (2007) *Being in Relationship: different languages to understand ego states, script and the body in Transactional Analysis Journal*, vol. 37, p. 294- 305.

MERLEAU-PONTY, M. (1994). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm (2000). *Assim falou Zaratustra*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira

Referências Bibliográficas

- ALLEN, J. (2000) *Biology and Transactional Analysis II: A status report of development* in *Transactional Analysis Journal*, v. 30, p. 260-269.
- ALLEN, James, R. & ALLEN, Barbara Ann 1995, Narrative Theory, Redecision Therapy, and Postmodernism, *Transactional Analysis Journal*, 25, No.4, 327 - 334
- BERNE, Eric (1969) *Principles of group treatment*. New York: Oxford University Press.
- _____ (1972) *What do you say after you say hello? The psychology of human destiny*. New York: Groove Press
- _____ (1961) *Transactional Analysis in Psychotherapy: A systematic individual and social psychiatry*. New York: Souvenir Press.
- CORNELL, W. (2007) *Why Body Psychotherapy: A Conversation in Transactional Analysis Journal*, v. 37, p.256-262
- DELEUZE, Gilles (1976). *Nietzsche e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio
- ERSKINE, R. (1988) *Integrative Psychotherapy in action*. California: Sage.
- GAARDER, Jostein (1995). *O Mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. Tradução: João Azenha Junior. São Paulo: Companhia das Letras
- GIUGLIANO, L. G. ; TOMAZ, Carlos (1997) . *A razão das emoções: um ensaio sobre O erro de Descartes*. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 2, n. 2
- HINE, J. (1997). *Mind structure and ego states* in *Transactional Analysis Journal*, v. 27, p.278-289.
- LIGABUE, S (2007) *Being in Relationship: different languages to understand ego states, script and the body* in *Transactional Analysis Journal*, vol. 37, p. 294- 306.
- MERLEAU-PONTY, M. (1994). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhem (2000). *Assim falou Zaratustra*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira

NÓBREGA, N. P. (1995). *Maternidade na adolescência: alienação e reprodução*. Documenta, III(6)

PLATÃO. *A República*. In Livro VII. Fundação Calouste Gulbenkian. 8ª Ed.

SEVERINO, A. J. (1992). *Filosofia*. São Paulo: Cortez

VERGEZ, A., & HUISMAN, D. (1988). *História dos filósofos ilustrada pelos textos*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos. P.151

Referências

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-09062006-162253/>